Aula 7

ABORDAGEM MULTIMÉTODOS NA PERSPECTIVA GEOGRÁFICA

META

Nessa aula o aluno deverá compreender o pluralismo e ecletismo metódico na ciência geográfica.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:

destingir acerca do pluralismo e ecletismo metódico no contexto da geografia atual.

Rosana de Oliveira Santos Batista

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, os geógrafos vêm se engajando com a Teoria Social Crítica com o intuito de avançar nos conhecimentos sobre as rápidas mudanças que estão se dando no mundo. Um resultado desse engajamento tem sido a entrada no debate interdisciplinar das várias perspectivas teóricas sobre o presente, inclusive a do pós-moderno.

Ao longo dos últimos anos as discussões e debates estão centrados na afirmação de que a sociedade moderna está mediante uma nova realidade, cujo entendimento exige uma reformulação externa das estruturas teóricas e conceituais das ciências humanas e a literatura na área da ciência geográfica.

A possibilidade de estarmos vivendo num novo paradigma da ciência nos conduz ao reexame das teorias assimiladas e a ciência geográfica vem tentando participar desse debate. Nesse sentido, muitos epítetos têm sido utilizados para descrever a natureza dessa recente reviravolta: pós-marxismo, pós-estruturalismo, tendência crítico-realista, feminismo e, talvez, o mais controverso e o mais esquivo, pós-modernismo. Assim, a ciência geográfica também estaria em desorganização e desarranjo interno caracterizado pela fragmentação de uma variedade de especializações nas suas diferentes vozes que se oporiam a encontrar uma base comum. Nesse sentido, nossa investigação nessa aula está direcionada aanalisar a questão da ciência na pós-modernidade, na especificidade, do ecletismo e pluralismo metódico.

SOBRE A QUESTÃOPÓS-MODERNA E A TEORIA GEOGRÁFICA

A questão pós-moderna gira em torno de alguns eixos de discussão, onde muitas vezes cadaum deles segue caminhos próprios tornando-se um ramo de debate específico. É dessa diversidade que surge a dificuldade de ordenar, estabelecer parâmetros, compreender conceitos relacionados com essa temática. Existem tendências que situam e delimitam o debate pós-moderno; é possível que se pense a questão pós-moderna contextualizada com um novo período dentro do capitalismo ou através da análise do que se convencionou chamar por Harvey (1992) de “compressão espaço-temporal”, que se situa na teoria das ciências, na vertente ideológica, nos estudo de estilos e movimentos culturais e artísticos.

Dentro dessas tendências iniciaremos destacando o debate sobre a pós-modernidade relacionada à Modernidade. Estabeleceremos a pós-modernidade em dois sentidos: um a continuidade do período histórico que estamos, a saber: a modernidade e uma segunda ideia que põe a pós-modernidade como uma radical ruptura com a modernidade. Se admitirmos a ruptura, tomaremos a posição de que existe algo “novo” que está fora dos moldes da modernidade.

A ciência Geográfica ingressa no debate pós-modernono final da segunda metade do século XX, tendo como maior contribuiçãona ciência geográfica à obra de David Harvey(1992). O trabalho do geógrafo Harvey (1992) constitui-seum dos mais sérios estudos sobre a pós-modernidade. O autor afirma ainda que é na "experiência do espaço e do tempo" que concerne às teorias espaciais, com o conceito de compressão do tempo-espaçosurge a explicação da experiência do espaço edo tempo na pós-modernidade.

A partir doestudo do tempo e do espaço resultantes doprojeto do Iluminismo, verificou-se queas características do encolhimento do espaçopelo processo da globalização. (BATISTA, 2013). Otempo,que é efêmero, vem se reduzindo pelo chamadomomento, ou seja, apenas o presente passa a existir. Ao afirmar que a *"compressão do tempo-espaço é um desafio,um estímulo, uma tensão e, às vezes, umaprofunda perturbação",* Harvey (1992, p. 219) afirma que surgem diversas reaçõessociais, culturais e políticas.Sobre o pós-modernismo, Harvey (1992) define como uma forma de ataque aosfundamentos da filosofia moderna, pois a pós-modernidadeseria um movimento que agecontra aracionalidade da modernidade, contra toda a teoria ligada ao metadiscurso e as metanarrativas.

Nesse sentido, a pós-modernidade é lida como uma fratura, ou ainda, um indício de nova cultura ou mentalidade, em que são reconhecidos fortes elementos contrários afragmentação, a perda de essência ao desaparecimentode fronteiras e redescoberta do retórico, além do fim da história como perspectiva de ler o presente. Essas ideias pós-modernas estão no auge do paradigma científico atual, enquanto tendência de pensar o mundo.

PLURALISMO E ECLETÍSMO METÓDICO

Nos dias atuais está ocorrendo uma intensa insatisfação no campo das ciências sociais. A confiança que perpassava aos cientistas, sem muitas divergências, foi substituída pelas dúvidas e incertezas. Isso porque novas configurações surgiram na realidade social e os instrumentos que serviam para fazer a análise social estão por se tornar obsoleto ou evidenciando sua falência. A grande questão diante desse cenário é que caminho seguir, diante do mar de incerteza da ciência pós-moderna. Parece-nos mais adequado reconhecer que é preciso buscar novos instrumentos para compreender a nova realidade, buscar novas propostas para aumentar seu poder explicativo. Enfim, buscar soluções para crise das ciências sociais que estão em vias de um pluralismo metodológico. (TONET, 1992)

Nessa direção, nos processos metódicos das ciências humanas, nas últimasdécadas, apresentam-se patologias e regras de redução teórica. Como solução, surge a adoção do pluralismo metodológico, que é definido como a liberdade de tomar ideias de vários autores e articular de acordo com suas conveniências. De acordo com Tonet (1992), o pluralismo metodológico pretende não ser dogmático, nem eclético ou reducionista. Consiste em apelar para o rigor do sujeito que, reconhecendo a relatividade dos métodos, propõe-se a tomar como método o diálogo, a articulação, o entrecruzamento de

paradigmas, sempre na vigilância crítica. "Diálogo não no sentido do confronto das ideias, mas da fusão entre matrizes diferentes".(TONET, 1992, 49).

O pluralismo tem como objetivo a análise da realidade social em seu caráter ideológico. O mundo atual está mais complexo e dinâmico que os séculos anteriores, com inúmeros grupos sócios que deslocaram as classes de seu papel central perdendo, muitas vezes, sua homogeneidade.

A complexificação atingiu um grau tão alto que promoveu intensas transformações, permitindo o surgimento de novos elementos e uma nova dinâmica que permeiam as relações na atualidade. Assim, somente a consideração das regras metodológicas de um ponto de vista *pluralista* respeitará a riqueza da interação entre as ciências, que a história registra.

As ciências empíricas naturais, as ciências sociais e as ciências formais possuem regras metodológicas diferenciadas e comuns; características de técnicas e de métodos e características lógicas e epistemológicas que se manifestam na construção e teste das teorias e na geração das diferentes formas de explicação científica, causais e teleológicas. Dentro dessa perspectiva, é preciso especificar dois sentidos do termo pluralismo. *O pluralismointerno* a uma teoria da ciência, que pode coincidir com certos reducionismos atenuados não relativistas, admite algumas regras metodológicas especificas a um conjunto de ciências sem incompatibilidade entre elas. (GOMES, 2010).

Na metodologia popperiana das ciências sociais, pode-se classificar as reconstruções metodológicas de processos de investigação social pela natureza do instrumental de reconstrução utilizado, distinções conceituais de disciplinas filosóficas ou científicas que, retiradas dos seus contextos de origem, passam a exercer funções de fundamentação de estratégias de investigação e se organizam em esquemas da metateoria.(EAGLETON, 1996).

Destarte, tais esquemas apresentam-se nas reconstruções metodológicas de fundamentação analítica, reconstruções metodológicas de fundamentação hermenêutica, reconstruções metodológicas de fundamentação dialética e reconstruções pluralistas, que combinam de alguma forma distinções conceituais e regras metodológicas geradas em várias correntes destas famílias metodológicas. Este *pluralismo externo* evitará os perigos do ecletismo metodológico pela incorporação crítica de novas contribuições a uma postura teórica e metodológica inicial que, em constantes reelaborações, fruto de intenso diálogo, determinará os caminhos, decisões e apostas intelectuais.

O *ecletismo* como patologia metodológica pode ser definida pelo uso deconceitos fora dos seus respectivos esquemas conceituais e sistemas teóricos, alterando os seus significados. O discurso torna-se vazio ou obscuro sem que o cientista social perceba que a sua linguagem pode dificultar a comunicação. Neste caso os conceitos metodológicos desprovidos de suas características limitar-se-ão a nomeações e classificações rituais de posturas sem qualquer influência nas estratégias de investigação, o que é comum em textos produzidos por autores desprovidos de treinamento metateórico. (EAGLETON, 1996).

O ecletismo impede que o pesquisador adote claramente uma postura teórico-metodológica, a partir da qual possa incorporar outras contribuições conceituais, tipológicas, classificatórias ou teóricas em sentido forte, tendo grande dificuldade em apreender diferenças entre posições adotadas por autores e escolas com respeito as estratégias gerais de investigação. Nessa direção, a grande dificuldade do ecletismo é, finalmente, a sua esterilidade intelectual explicitada por uma retórica vazia, seguida de impossibilidade crítica para o diálogo e a controvérsia consequente entre os enfoques sociológicos e metodológicos.

PLURALISMO E ECLETISMO NA GEOGRAFIA

A geografia atual caracteriza-se pela pluralidade de paradigmas. Ampliando aquilo que Duncan (1990) afirmou sobre a geografia cultural, a geografia em geral constitui-se progressi¬vamente na coexistência de várias matrizes intelectuais. Neste movimento, distancia-se da crença no 'método' único, e elevam-se as diferenças entre os geógrafos contemporâneos. (CORRÊA, 1997).

As diferenças epistemológicas advêm, de um lado, da descrença no positivismo e, de outro na retomada de matrizes pouco exploradas. Nessa dimensão, é sempre possível a busca de uma da ressignificaçãode resultados das pesquisas que produzem outras inteligibilidades a respeito do mundo real. A tese da pluralidade sugere que os cientistas devem dominar todos os meios de se produzir conhecimento para poder criar novas inteligibilidades a respeito do mundo real.

A tese da pluralidade, finalmente, coaduna-se com a proposição de Geertz (2004) sobre mis¬tura de gêneros: na qual há a combinação de um distinto modo de produzir conhecimento, com um distinto modo de apresentá-lo. Cria-se um produto que se caracteriza por outro hibridismo, mas este parece ser uma característica do pluralismo contemporâneo.

No contexto das categorias analíticas, a espacialidade adquire o sentido de lugar na perspectiva humanista. A distinção entre espaço e lugar é crucial, o primeiro sendo considerado como amplo, desconhecido e impessoal, enquanto o segundo como restrito emocionalmente, seguro e pessoal. (GEERTZ, 2004). Trata-se de uma espacialidade baseada na experiência, marcada por uma relação de objetividade e subjetividade, na qual a afeição ou o desgostar delineiam os limites da avaliação. O Lugar e deslugar são conceitos que exprimem esses limites, nas consultas de Tuan (1983) que tem se dedicado à temática do lugar na perspectiva humanista.

O conceito de lugar, no entanto, está impregnado de outras versões, distintas daquela da perspec¬tiva humanista. Uma visão marxista de lugar deve estabelecer uma conexão com a teoria marxista. Na geografia cultural pós-70, caracterizada pela heterotopia epistemológica, a espacialidade vincula-se à práticas nas quais significados são criados e recriados e expressos em representações espaciais fixas e móveis. (HOLZER, 2010).

Entre as primeiras estão os templos, estátuas, memoriais, parques temáti¬cos, shopping centers e lugares sagrados como cidades-santuário, montanhas, rios e queda d’água sacralizados. Entre as representações móveis estão as procissões, paradas e marchas nas quais itinerários simbólicos são criados e percorridos sistematicamente mas não cotidianamente.

Corrêa (2008) introduz o conceito de formas simbólicas espaciais para templos, parques temáticos, lugares sagrados e outras formas simbólicas. A espacialidade simbólica, contudo, pode ser considerada a partir das práticas e significados construídos pelos outros e não por nós. São práticas e significados dotados de uma lógica inteligível por eles e não por nós. Decodificar esta lógica e torná-la compreensiva para nós é um esforço que o geógrafo deve realizar, já que a espacialidade é objeto de interesse e debate nos paradigmas vigentes na contemporaneidade.

CONCLUSÃO

O pluralismo e o ecletismo surgem no bojo do pensamento científico como sendo uma convivência democrática das ideias, embora muitas vezes limitado sob s forma particular da sociedade está ligado ao processo de individuação e autoconstrução positiva do gênero humano, fundamentalmente na subjetividade deixando de lado a objetividade científica Moderna, contribuindo com o extravio da razão já que o cientista baseia-se no terreno apenas da subjetividade.

RESUMO

Esta aula visou trazer para o debate alguns pontos relativos às relações entre pa¬radigmas, geografia e contemporaneidade. Pluralismo contemporâneo, o ecletismo, dentre outros que nos remete a algumas tradições que se tornaram contemporâneas e a algumas inovações que emergiram na contemporaneidade, baseadas na elevação dos princípios subjetivos do indivíduo, deixando de lado os anseios da sociedade enquanto divisão de classes.

ATIVIDADES

Após a leitura e compreensão da aula o aluno será capaz de conceitue ecletismo e pluralismo metodológico.

AUTOAVALIAÇÃO

Após a reflexão da aula responda: como se apresenta o pluralismo e o ecletismo metódico na ciência geográfica?

PRÓXIMA AULA

Na próxima aula estaremos discutindo sobre o Estruturalismo, Pós-Modernismo e Teorizações sobre Lugar e Território. Nessa aula, nossas análises percorrerão a reflexão acerca das categorias analíticas mediante os paradigmas que permeiam a ciência geográfica.

REFERÊNCIAS

CORRÊA, R. L. **Trajetórias Geográficas.** Rio de Janeiro: Bertrand-Brasil, 1997.

CORRÊA, R.L. **A Espacialidade da Cultura.** In: Org. M. P. Oliveira; M. C. C. Nunes; A.M. CORRÊA (orgs.). **O Brasil, América Latina e o Mundo– Espacialidades Contemporâneas.** Rio de Janeiro: Lampa¬rina Editora, 2008.

DUNCAN, J. **Após a Guerra Civil.** Reconstruindo a Geografia Cultural como Heterotopia. In: R. L. COR¬RÊA; Z. Rosendahl (orgs.). Geografia Cultural: Um Século (2). Rio de Janeiro, EDUERJ, 2000.

EAGLETON, T. **Literary Theory**. Minneapolis: Minnesota University Press, 2a ed., 1996.

GEERTZ, C. **O Saber Local**. Petrópolis: Vozes Ediditora, 2004.

GOMES, P. C. C. **Geografia e Modernidade.** Rio de Janeiro: Bertrand-Brasil, 1996.

HOLZER, W. **O Método Fenomenológico**: Humanismo e a Construção de uma Nova Geografia. In: Z. ROSENDAHL; R. L. CORRÊA (orgs.). Temas e Caminhos da Geografia Cultural. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2010.

TONENT, Y. **Pluralismo metodológico: um falso caminho.** Revista Práxis. Nº 3. Belo Horizonte, 1992.

TUAN, Y.F. Espaço e Lugar. **A Perspectiva da Experiência**. São Paulo: DIFEL, 1983.